

Mediadores apelam à ONU S.J. 7/3/94 para manter «capacetes azuis»

Os mediadores dos Acordos de Paz de 1992 para Moçambique apelaram, em Roma, aos contingentes da Força das Nações Unidas

(Onumoz) para não deixarem aquele País africano, de modo a garantirem uma transição pacífica até às eleições.

O arcebispo da Beira,

Jaime Gonçalves, e o padre Matteo Zuppi, da Comunidade Católica Romana de Santo Egídio, indicaram em conferência de Imprensa que alguns compromissos da comunidade internacional, como o financiamento da reinserção de cerca de um milhão de refugiados, «não foram completamente realizados».

Reconheceram, no entanto, que em geral o processo de paz está a «evoluir positivamente» e, por isso, deve continuar a ser apoiado de forma activa.

Os mediadores do processo de paz moçambicano lançaram um apelo particular ao Governo italiano, País com maior contingente de «capacetes azuis» em Moçambique e que por razões orçamentais admite retirada antes de Abril.

Actualmente encontram-se em Maputo 1.200 soldados italianos

ao abrigo de um compromisso assinado logo após o Acordo de Paz em 1992.

Mas, para que os soldados italianos, que recebem em média seis milhões de libras por mês, prolonguem a estadia no território moçambicano será necessário aprovar um novo financiamento.

Se a decisão for adiada para depois das eleições, existe a possibilidade de as tropas permanecerem mais algum tempo naquele País, o que justifica as diligências dos mediadores junto dos principais partidos italianos e do Parlamento, a quem dirigiram uma carta explicando a necessidade de prolongar a permanência dos «capacetes italianos».

Segundo Don Matteo Zuppi, «a reacção dos políticos é unânime. Todos são favoráveis à permanência dos italianos em Moçambique».